



Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação.

Tarcila Mariana Gomes Rodrigues

**A DANÇA DO MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Tradição e
Influências.**

*CELACC ECA-USP
2012*



Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Tarcila Mariana Gomes Rodrigues

**A DANÇA DO MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Tradição e
Influências**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em
Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos
produzido sob a orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira

*CELACC ECA-USP
2012*

SUMÁRIO

Resumo.....	4
Introdução.....	6
Origem e tradições e sua temporalidade.....	7
Papel e Importância da Dupla.....	9
Conceitos Teóricos.....	11
Mudanças.....	12
Entrevistas.....	14
Considerações Finais.....	17
Bibliografia.....	18

A DANÇA DO MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Tradições e Influências.

¹Tarcila Mariana Gomes Rodrigues

RESUMO

Embora conhecidos e muito admirados, a Porta-bandeira e o Mestre-sala, e a coreografia por eles desenvolvidas, têm sido muito pouco estudados. Com isso, a literatura disponível é muito escassa ou superficial.

Nas últimas décadas, a dança vem tomando características influenciadas por diversos contextos, tais como: constantes mudanças das regras nos desfiles e influências externas, como a mídia.

A partir de pesquisa bibliográfica na modesta literatura existente, e das entrevistas, discutem-se algumas questões relacionadas com tradição, circularidade cultural e influências que, de alguma forma, participam da formação do casal ano após ano.

Palavras Chaves: Coreografia, Influências, Casal.

ABSTRACT

Although everybody know and admire the *Mestre-sala* and *Porta-bandeira* and the choreography developed by them haven't been studied. For that reason, the studies about the couple are very scarce and superficial.

Recently the dance of MS and PB has been changing because of a lot of influences such as: a lot of changes on the Carnival rules and because of media.

The article is based on some simple literature and interviews about tradition, culture and influences around of the couple year after year.

Keywords: Choreography, Influences, Couple

RESUMEN

Aunque todo el mundo conoce y admira la *Mestre-sala* y la *Porta-bandeira* y la coreografía desarrollada por ellos no se han estudiado. Por esa razón, los estudios sobre la pareja son muy escasos y superficiales.

Recientemente, la danza de la MS y PB ha ido cambiando a causa de una gran cantidad de influencias tales como: una gran cantidad de cambios em las reglas deCarnaval y por los medios de comunicación.

El artículo se basa em un poco de literatura simple y entrevistas acerca de la tradición, la cultura y las influencias de todo el año par tras año.

Palabras Claves: Coreografia, Influencias, Pareja

¹ Graduada em Automação de escritório e Secretariado, pela Faculdade de Tecnologia de SP (FATEC-SP) - 2007

DEDICATÓRIA

À minha amada mãe, por suas orientações, palavras e ensinamentos que me deram base para estar aqui hoje. Ao meu querido pai, por todo seu amor e carinho nos momentos em que nem tudo era simples, mas seu apoio me mostrou as respostas e o melhor caminho a ser seguido, e suas palavras ficarão para sempre guardadas na minha memória e no meu coração.

Agradeço a minha grande amiga Elaine pela compreensão, amizade e contribuição em todos os momentos da minha vida.

À minha linda Tia Rita, que foi responsável pela minha boa alimentação, incentivando e dando combustível para que minha mente funcionasse melhor, quando ela já apresentava algumas falhas, e, é claro, pela alegria que sempre me contagia e me inspira a viver.

Agradeço muito ao meu príncipe Evandro, meu amigo, companheiro e namorado pela compreensão nos dias em que estive ausente, pelo carinho que sempre me estimula e me faz amá-lo cada dia mais, e por toda alegria que sempre me arranca sorrisos e intermináveis gargalhadas.

Agradeço as figuras ilustríssimas que conheci em minha visita a Escola de Mestre-sala e Porta-Bandeira, a Mary Dana pelo carinho, paciência e raras informações, a Carolina Grimião que, com todo cuidado, fez com que minha visita pudesse ser perfeita, e a eterna e saudosa “Soninha”, que me deu o privilégio de entrevista-la. Obrigada “Soninha” por me mostrar o melhor caminho e por deixar seu esplendor na história do Carnaval.

E por fim, ao meu querido mestre Professor Dennis, por toda paciência, orientação e conhecimento que me passou com todo carinho e dedicação.

INTRODUÇÃO

Primeiramente, já que o artigo, de certa forma, tratará da dança, achei conveniente mencionar que o momento em que começamos a dançar é no ventre de nossa mãe. Essa identificação, nos mostra a ligação do início e da origem da vida, concomitante ao surgimento da dança.

Este artigo científico busca detectar e compreender possíveis influências na presença e na dança do casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, que exerce magia por sua elegância, tradição e indiscutível expressão corporal, notado por toda uma Escola de samba e plateia no dia do grande desfile.

É importante destacar que, um aspecto importante para personalidade e traçados típicos da linguagem corporal do casal, é o fato de dispensar coreógrafos profissionais externos ao mundo do samba, justamente para acompanhar as mudanças, principalmente externas, que a mídia e outros fatores trazem para o desfile ano a ano, sem se perder nas origens e tradições do casal.

A dança do casal de Mestre-sala e Porta-bandeira estabelece uma relação com a comunidade, até mesmo como um meio de comunicação.

De acordo com Boucier (2001), com o surgimento de grupos isolados, originam-se diversas sociedades. Estas criam suas próprias danças, que desempenhavam uma função de identificação.

No Egito de seis mil anos atrás, quando a noite chegava ao final, e com a madrugada, se apagavam os astros cuja dança celeste era a própria imagem da ordem da natureza, o homem, angustiado por não mais perceber esta imagem, entrava em cena para manter a ordem celeste, imitando-a: começava então a dança da estrela da manhã, com suas rodas; e este balé simbólico, contemporâneo do nascimento da astronomia, ensinava aos filhos do homem, pelo movimento figurado dos planetas, as leis que regiam o ciclo harmonioso dos dias e das estações, as leis que permitiam prever e portanto controlar as cheias do Nito, tornando-as já não tão destrutivas, mas fecundantes, com a preparação, em tempo útil de diques e canais (GARAUNDY, R. 1980, p.14).

O casal de Mestre-sala e Porta-bandeira tem a honra de conduzir, ostentar e exibir a Bandeira, o símbolo maior de uma Escola de samba. Esse casal é admirado por carregar com ele um objeto valioso e importante, que representa em cores, desenhos e tecido, a própria agremiação e sua história.

A função do Mestre-sala é cortejar a Porta-bandeira durante toda a apresentação, através de gestos e posturas elegantes que demonstrem a reverência a sua dama, respeitando e protegendo o pavilhão. O par apresenta uma dança com passos e características básicas próprias, que vem sendo enriquecida em seus maneios e medidas, através do tema.

Mudanças e aperfeiçoamentos, ao redor da dança deste casal, acontecem através dos tempos. Podemos considerar impossível não se adequar, mesmo que com limites, as mudanças externas que acontecem através dos tempos, mesmo se tratando de uma cultura popular.

A questão que gostaria de apresentar é, até onde a tradição e origem da dupla podem ser prejudicadas com as possíveis mudanças, e de que maneira essa mudança ocorre ano após ano dentro dos desfiles e agremiações.

ORIGEM, TRADIÇÕES E SUA TEMPORALIDADE



O surgimento do casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, dentro do contexto histórico, está diretamente ligado à figura do Porta-estandarte e do baliza, duas figuras importantes das Escolas de Samba, que representavam a estrutura carnavalesca influenciando o nascimento das escolas no século XX. O baliza, hoje Mestre-sala, protegia a Porta-estandarte para que ninguém roubasse a bandeira da escola, símbolo de grande preciosidade para a escola, uma vez que, essa peça corria risco de ser arrebatada por componentes de outros grupos rivais. O roubo ocorria, normalmente, no clímax da euforia, quando as agremiações se encontravam, e os Mestres-salas, desenvolvendo o bailado, se descuidavam da proteção da Porta-bandeira.

Ano após ano o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira exerce fascínio por sua beleza, criatividade e inigualável expressão corporal, percebida na passagem ondulatória de milhares de componentes.

O casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, em sua apresentação durante o desfile, tornou-se um destaque de grande, se não de maior importância e de maior responsabilidade para uma Escola de Samba que defende, pois estas duas pessoas podem vir a obter até 40 pontos, 10% do total das notas atribuídas ao desfile de uma Agremiação.

A partir de um pressuposto teórico contido em algumas das obras de Stuart Hall, *Identidade Cultural na Pós- modernidade e Da diáspora*, procuramos compreender melhor as questões da tradição que se relacione com a realidade daquele contexto social, da história e origem. Nas palavras de Stuart Hall:

Este conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado (...) Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas(...)²

O mais intrigante na questão da identidade, é como o seu trajeto muda com a evolução dos tempos, e a camada popular perde-se através da sua própria tradição.

Ressaltamos que estas reflexões, acerca das inúmeras possibilidades para a origem e tradição da dança, tornaram-se profundas as teorias que buscam as relações entre o antes o durante e o agora. Um trecho do livro de Stuart Hall introduz um pouco sobre isso:

A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam(...) O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.³

Outro ponto importante, ainda falando de tradição, é a inigualável importância da Bandeira dentro de uma Escola de samba.

A reverência à Bandeira, traduzida basicamente no gesto de beijar o pavilhão, pode ser considerada a honra máxima que uma agremiação concede a alguém, a qual deve ser apresentada apenas uma vez no evento. Se entre as pessoas que vão reverenciar a Bandeira esteja o presidente da Escola, a ele primeiramente deverá ser apresentada a Bandeira, pois o presidente é a autoridade máxima dentro de uma Escola de samba. Feita a reverência ao presidente, a Bandeira é apresentada a convidados ilustres e, em seguida, aos segmentos da Escola geralmente, à figura representante de cada segmento, como, por exemplo, o mestre de bateria, a presidente da ala das baianas, o presidente da Velha-Guarda, ao puxador de samba-enredo oficial, etc. É importante ressaltar que, a partir do momento que o diretor responsável recebe o pavilhão, ele está reverenciando em nome de todo o seu segmento, isto é, a honraria está sendo recebida por todos os integrantes daquele segmento.

Também se costuma apresentar a Bandeira a representantes de outras agremiações, como presidentes e diretoria destas. Se fosse possível, todos os componentes deveriam ter a honra de reverenciar a bandeira da escola, pois todos os segmentos são importantes.

A honra e importância desta reverência são tão significativas e tradicionais, que muitos chegam a ficar frustrados se não lhes é oferecida esta honraria, mas não se pode oferecer essa reverência a todas as pessoas senão o ritual acaba perdendo seu valor e simbolismo.

Como se trata da maior honraria que a Escola de samba pode oferecer a uma pessoa ou segmento, o receptor da mesma também deve se portar adequadamente para este significativo ritual.

²HALL, Stuart. *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. pp. 12/13

³HALL, Stuart. *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. pp. 88/99

Então, pessoas por mais importantes que sejam precisam estar adequadamente vestidas para beijar a Bandeira da Escola. Não é respeitoso que indivíduos vestindo camisetas sem mangas, bonés, chapéus, bermudas, chinelos de dedo ou estando embriagadas e com copo de bebida na mão recebam o pavilhão da escola. Por isso, compete ao diretor de harmonia auxiliar na indicação a quem a Bandeira será apresentada.

PAPEL E IMPORTÂNCIA DA DUPLA

A dança do Mestre-sala e Porta-bandeira, nada mais é do que um ritual baseado na arte da conquista, uma alegre miscigenação cultural. Evoluindo em torno da Porta-bandeira, o Mestre-sala exercita o ofício da conquista do seu par. Naqueles maneios, fugas e contrafugas, realizar a corte de sua paixão. Já a Porta-bandeira, sinuosa e sedutora, roda a bandeira e esquivava-se. Esta deliciosa coreografia, tão bem definida como “Ritual da Conquista”.

O casal tem como principais funções:

Ele, o de cortejar a Porta-bandeira, apresentar e bem como proteger e exibir orgulhoso a bandeira de sua Escola de Samba, elemento de identidade de uma agremiação.

Ela, o de conduzir e apresentar a bandeira da Escola, sempre a desfraldando em gestos graciosos e reverenciosos, sem enrolá-la em seu próprio corpo, bailando num cortejar, mais do que sambado. A Porta-bandeira ganha pontos com sua leveza, sua graça e atitude ativa e nobre.

O casal de Mestre-sala e Porta-bandeira não samba, e sim leva com graça e leveza a bandeira da Escola. A dupla faz passos marcados, rodopia, e tem gestos elegantes e desenvoltos, devendo os dois dançar em sentido horário e anti-horário, nunca se chocando, encostando o joelho no chão, parando um de costas para o outro e, principalmente, devem permanecer o tempo todo sorrindo.

A dupla é portadora e guardiã do símbolo sagrado da Escola de Samba: a Bandeira.

Dna Wilma do Nascimento, conhecida como a melhor Porta-bandeira de todos os tempos, ganhando o carinhoso apelido de “Cisne da Passarela”, descreve e define assim o bailado do casal:

“É como o voleio de um beija-flor em torno da rosa. Ele se aproxima, toca e sai. Volta a se aproximar, beija e sai. Nunca as ações serão idênticas. E a rosa, ao contrário do que se pensa, ao sabor do vento das asas do pássaro, não permanece passiva. Ela dança”.

A fantasia do casal é das mais esmeradas da Escola, tudo deve estar combinando, os cuidados com a confecção são redobrados, pois podem perder pontos caso um chapéu ou parte de sua indumentária caia na avenida.

A exibição da dança do casal, se considerando que não “sambam” e sim executam um bailado no ritmo do samba, com passos e características próprias, com meneios, giros, meias-voltas e torneados, é um importante item julgador, sendo obrigatória a sua exibição diante dos módulos de julgamento, para que possam ser avaliados.

O julgador deve considerar: a harmonia do casal que, durante a sua exibição, com graça, leveza e majestade, deve apresentar uma sequência de movimentos coordenados, deixando evidencia a

integração do casal, além de que a função do Mestre-sala é cortejar a Porta-bandeira, bem como proteger e apresentar a bandeira da Escola, devendo desenvolver posturas e gestos elegantes e corteses, que demonstrem reverência à sua dama.

Por outro lado, as considerações das funções da Porta-bandeira são de que ela deve conduzir e apresentar a bandeira da Escola sem enrolá-la ao próprio corpo ou deixá-lo sob a responsabilidade do Mestre-sala.

Conforme mencionado anteriormente, o casal deve permanecer, durante todo o desfile, sorrindo ou apenas cantando o samba da escola, se o jurado perceber que o casal está falando, a Escola perderá ponto no quesito.

O julgador não deve levar em consideração a eventual substituição, durante o desfile, do casal em julgamento.

CONCEITOS TEÓRICOS

Antes de iniciar a elaboração desse artigo científico, busquei avaliar qual seria o conceito teórico que apresentasse um ponto de vista esclarecedor, no que se refere à dinâmica de transformação da cultura, e por alguém inovador e ilimitado. Por esse motivo, grande parte do artigo foi baseado no conceito teórico de Stuart Hall, um grande aceitador das novas influências.

As reflexões de Stuart Hall foram fundamentais para se evitar equívocos no estudo da cultura popular, apresentando de forma elucidativa a transformação da cultura e seu impacto.

A relevância da pesquisa sobre cultura para o campo do Carnaval é inegável. Nesse sentido, o livro de Stuart Hall é extremamente pertinente, pois apresenta um avanço na discussão das identidades culturais pós-modernidade.

Em *A Identidade cultural na Pós-Modernidade* (2003), Stuart Hall busca avaliar se estaria ocorrendo uma crise com a identidade cultural, em que consistiria tal crise e qual seria a direção da mesma em momento pós-moderno. Para efetivar tal intento, analisa o processo de fragmentação do indivíduo moderno enfatizando do surgimento de novas identidades, sujeitas agora ao plano da história, da política, da representação e da diferença.

A preocupação de Hall também se volta para o modo como haveria se alterado a percepção de como seria concebida a identidade cultural, e isso está inteiramente ligado ao item sobre as mudanças que acontecem dentro dos desfiles de Carnaval, e de onde elas se originam.

Os conceitos teóricos de Hall nos brindam, e ao mesmo tempo nos estimula a rever nossos conceitos culturais e nossa capacidade de interpretação do mundo pós-moderno.

Hall chama atenção para a necessidade de se entender o duplo movimento da cultura popular, o processo dialético de contenção e resistência. A cultura popular é o “terreno sobre o qual as transformações são operadas”, não se consistindo nem em uma tradição intacta, nem mesmo em um terceiro elemento totalmente novo.

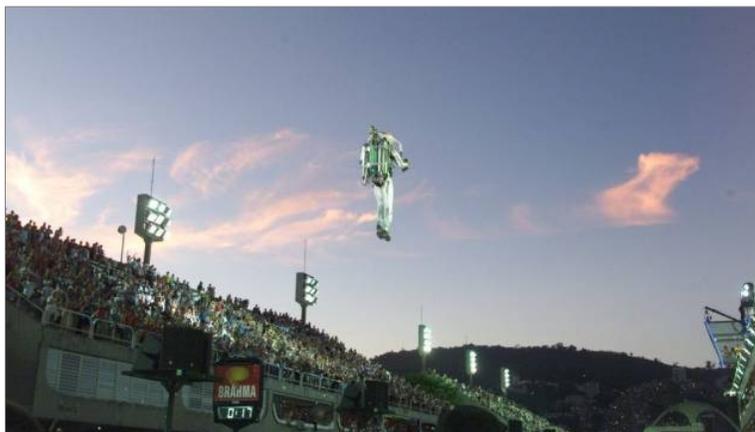
No Carnaval, invertem-se categorias simbólicas de hierarquia e valor. Além disso, a dança, envolvida dentro dos desfiles, é o momento de ligação com novas fontes de energia, vida e vitalidade, e, para Hall, “metáfora poderosa de transformação social”.

MUDANÇAS

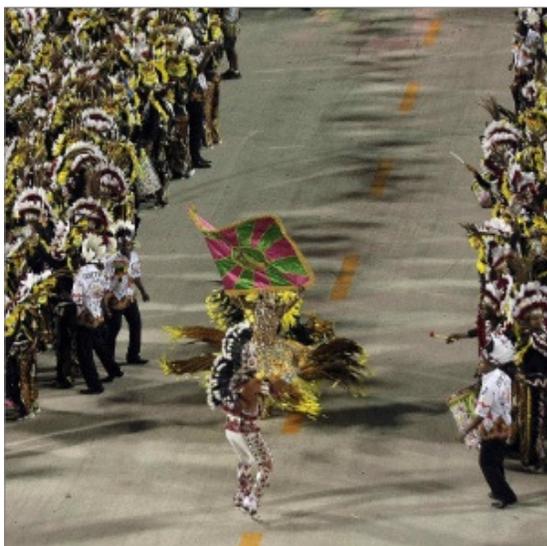
A relação do carnaval com novas tecnologias, por exemplo, é uma das novas linguagens que compõem a chamada cena contemporânea que vem, a cada dia mais, influenciando um dos maiores espetáculos do mundo.

Desde que o astronauta voou no desfile da Grande Rio em 2001, com a ideia do saudoso Joãozinho Trinta, o carnaval reconfigurou uma nova dimensão cenográfica, conquistando o espaço aéreo como expressão do samba.

Dentro dessa lógica, a minha intenção nesse projeto foi entender de onde se origina a manifestação das mudanças que ocorrem com o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira.



Qual será a verdadeira posição do casal de Mestre-sala e Porta-bandeira no desfile de uma Escola de Samba: Mas que importância tem essa posição com as notas a serem atribuídas ao casal: Perguntas desse tipo fazem com que muita gente, inteiramente ligadas ao Carnaval, pense muito e talvez não consiga responder.



A colocação do casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, por exemplo, à frente da bateria é fundamental para o desempenho do casal, pois o casal dançando com o som da bateria entra de vez no clima do desfile, pois dançar ouvindo som oriundo de uma caixa acústica nunca será a mesma coisa. Antigamente o som nos desfiles era precário, e falhava muitas vezes. A cada desfile o Mestre-sala e a Porta-bandeira reclamavam que dançavam sem ouvir a bateria, e que isso prejudicava o desempenho do casal.

Atualmente as Escolas posicionam o casal a frente da bateria, fazendo com que eles executem seus rodopios com o som saindo direto dos couros para os ouvidos, e dessa forma desempenhando um papel ainda mais brilhante dentro da passarela do samba.

Um casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, onde quer que ele seja colocado no desfile, será sempre a maior atração da Escola, pois além da responsabilidade dos belos maneios que terá que executar, carrega ainda o supremo *3pavilhão* da Escola. E de vez em quando aparecem algumas ideias, como a de mudar a posição do casal, a frente da bateria, para que não “atrapalhe” o desempenho ou ofusque o brilho da bateria.

Alguns julgadores reclamam que têm dificuldades para julgar, em virtude da grande quantidade de pessoas que ficam à frente da bateria, tais como: madrinhas, princesas, rainhas, diretores, seguranças, deslocadores de bateria e etc., porém deve-se levar em consideração o que realmente é mais importante para a Escola, e o que realmente enriquece o desfile mantendo-se nesta posição.

O julgamento de Mestre-sala e Porta-bandeira começou a fazer parte do regulamento do desfile das Escolas de samba do Rio de Janeiro a partir de 1938, quando era levada em consideração apenas a fantasia (a dança começou a ser julgada somente em 1958) e hoje se constitui num dos principais quesitos.

Assim que se deu início ao julgamento da dança do casal, muitas mudanças e atenções especiais foram voltadas para esse quesito, por exemplo:

△ A medida adequada da bandeira passou a ser de 85 cm por 1,25 m. Se for maior que isso, não adianta rodar, pois ela não vai abrir, e o casal pode perder ponto;

△ Não existe uma altura oficial do mastro da Porta-bandeira, no entanto é preciso levar em consideração uma regra básica: ele deve ter 85 cm acima do braço levantado, pois quando a bandeira rodar, a bandeira vai abrir acima da cabeça, do contrário ela vai bater no rosto.

Mudanças desse tipo, são o início de consequências metamorfofísica que, positiva e negativamente, vem influenciando, de alguma forma, a dança e o desempenho do casal.

Algo que venho observando em muitos anos de telespectadora de desfiles de Escola de Samba, é a influência significativa da mídia no desempenho do desfile das Escolas. Por exemplo, fazer fotos para a imprensa, dar “tchauzinho” para as câmeras, exibição de beijos românticos entre casais no meio da avenida, é errado e diminui o ponto. Só quem pode acenar para o público são os destaques.

O casal de mestre-sala e porta-bandeira deve estar sempre atento na dança e no parceiro, e não pode posar para tirar fotografias.

Tecnicamente falando, outro fator preocupante é a falta de coreografia dos casais direcionada ao júri, que interfere e muito no julgamento. O peso dos adereços, que aumente a cada ano, pode ser considerado uma interferência direta nesse fator.

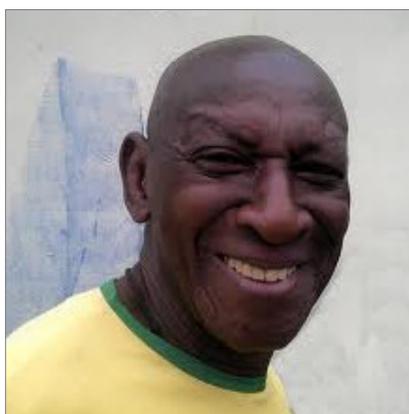
3Pavilhão (ou popularmente conhecido como Bandeira) é o símbolo máximo de uma agremiação carnavalesca, pois é a representação física e palpável, da instituição, e como tal tem suas honras e reverências particulares, devendo sempre ser saudado pelos que o portam e aos que ele é dirigido (a quebra de tal protocolo é considerado falta de respeito, pelo pavilhão e pela escola de samba).

ENTREVISTAS

Durante as pesquisas e entrevistas realizadas em campo, conversei com diversos casais e estudiosos desta dança, dentre os quais destaco para este artigo, Mestre Manoel Dionísio que fundou e coordena há vinte anos a Escola de Mestre-sala e Porta-bandeiras, única no gênero no país, e Soninha, ex-Porta-bandeira da Mocidade Independente de Padre Miguel, que defendeu o pavilhão verde e branco entre 1978 e 1985.

Neste transcurso de entrevistas com estas personalidades negras, seus depoimentos, histórias de vida e trajetórias no samba, me conduziram a compreender como as mudanças, a cerca da dança, são vistas por essas personalidades.

Em 2010, em uma de minhas pesquisas para o início deste artigo científico, descobri a Escola de Mestre-sala e Porta-bandeira criada por Mestre Manoel Dionísio, respeitosamente assim chamado.



Com mais de cinquenta anos dedicados à arte da dança e prestes a completar também o cinquentenário da sua vida dedicado ao carnaval, Dionísio é um dos maiores incentivadores dessa festa. Especificamente no seu trabalho de formar os casais de Mestre-sala, Porta-bandeira e Porta-estandarte, de onde saíram – e continuam saindo - os grandes casais que hoje defendem os pavilhões das escolas de samba e também dos blocos do nosso carnaval.

Bailarino desde 1955, Manoel Dionísio começou no carnaval junto com o Balé Folclórico Mercedes Batista, no Acadêmicos do Salgueiro, em 1959 e participou de muitos carnavais na escola.

Mestre Dionísio buscou inspiração, para a criação dessa Escola de Mestre-sala e Porta-bandeira, diante da necessidade de ter novos casais aptos a executarem a dança específica desse segmento nas escolas de samba.

A sede da Escola fica dentro do Sambódromo do Rio de Janeiro, onde são realizados os ensaios.

Mestre Dionísio é um dos maiores formadores de casais de Mestre-sala e Porta-bandeira, e grande defensor da Cultura Popular.

Conheci Mestre Dionísio e toda a sua brilhante equipe de professores, coreógrafos, e pessoas que de alguma forma fazem com que essa Escola cresça a cada dia mais.

Em muitas das entrevistas que fiz, durante a minha visita, a de Manoel Dionísio expressa, em poucas palavras, exatamente o intuito deste arquivo científico.

Tentei direcionar a nossa conversa para o assunto “Mudanças”, e o resultado da entrevista foi além das minhas expectativas, fazendo com que o Mestre manifestasse sentimentos através desse tema e me fizesse entender melhor o que eu realmente queria com essa pesquisa:

“As transformações estão vindo através de alguns casais para satisfazer os jurados. Mas tem os casais que não aceitaram. O grupo que aceitou é a maior parte por medo de represália dos jurados. Mas os tradicionais também têm conseguido notas boas e até maiores dos que estão inovando.

Na verdade, o casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira não consegue inovar muito por causa do peso da roupa e que a cada ano aumenta mais. A diferença que acontece é entre as escolas que tem maiores e menores condições de dar um preparo físico para que eles consigam dançar. Quem vê não imagina o peso e o sacrifício dos casais. É na dispersão que a gente vê o físico da porta-bandeira, ao retirar a fantasia, machucada no corpo inteiro.

A minha sugestão, e que já estive conversando com os jurados de carnaval do Grupo Especial e até do Grupo de Acesso, é para que as justificativas sejam mais coerentes. Que levem os casais para um auditório da instituição (no caso, a LIESA), e façam um sorteio para ver quem vestiria uma fantasia de mestre-sala e uma de porta-bandeira. Depois, que fizessem uma coreografia de 1:20 min e dentro, colocassem a “ousadia”, a “criatividade” e o “algo a mais” que eles tanto falam e exigem. Assim, eles mostrariam o que eles querem.

Me chamam de radical, mas o que eu proponho é uma nova metodologia de julgamento do quesito da dança do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, junto com alguns parceiros, como o Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro e a Cia. de dança Arquitetura do Movimento, de Andréia Jabour. Isso é para beneficiar os casais. A fantasia mais leve desse carnaval (2010) pesava 33 quilos. É exigir muito!”

(Manoel Dionísio)

Eu tive também, a imensa satisfação de conhecer e conversar com Soninha, que a mais de 45 anos desfilou na Escola Mocidade Independente de Padre Miguel.

Soninha era filha de Jorge Casaca, um dos fundadores da Mocidade e cria da Vila Vintém. Conduziu o pavilhão principal da verde e branco de Padre Miguel entre 1978 e 1985, tendo conquistado dois títulos: 1979 e 1985. Deixou o posto no auge da carreira para fundar um projeto social que formou diversos casais de Mestre-sala e Porta-bandeira. Desde 1990, Soninha integrava a equipe da Escola de Manoel Dionísio. Era sócia-benemerita da Mocidade e figura muito querido no mundo do samba.

Na manhã do dia 02/11/2011 Sonia Maria Trindade, a lendária Soninha, morreu. A veterana sambista tinha 67 anos e faleceu em decorrência de complicações nos rins.

Durante a entrevista, Soninha descreve a importância do casal de Mestre-sala e Porta-bandeira da seguinte forma:



Soninha e eu na Marques de Sapucaí, durante a entrevista na Maraués do Sapucaí.

“A Bandeira é o símbolo da Escola. Se chegar aqui o presidente do Brasil, quem recebe é o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira. O Porta-bandeira é a figura do cerimonial da Escola, e a Porta-bandeira a dama do samba, e representa toda a agremiação.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a Dança do Mestre Sala e da Porta Bandeira é uma evolução ligada diretamente ao Carnaval, que apesar das mudanças e influências que vem sofrendo a cada ano, é considerado cultura popular.

O desempenho do casal no dia do desfile resulta em dança, louvação, reza e devoção. Nesse trajeto de contato com a realidade cultural, nos deparamos com significantes fatos que nos levam perceber a cultura popular explícita na apresentação.

É dentro desse contexto espiritual afro religioso, de construção desta dupla, dentro da maior festa brasileira, que nos deparamos com um significativo espaço para uma rica reflexão que nos ajuda a compreender melhor a nossa cultura.

Quanto à origem imprecisa do casal, podemos notar uma mistura de elementos de várias origens, desde a dança dos nobres até danças populares flamencas, passando, obviamente, pelo caráter negro, da capoeira, do malandro.

Essa localização das narrativas negras chega a um lugar significativo nos estudos do pesquisador Ilclemar Nunes, que ao narrar a origem remota desta dança, sinaliza que a dupla aparece no ritual praticado pelas meninas moças africanas na preparação do casamento, quando eram pleiteadas pelos candidatos à disputa que se apresentavam como fortes guerreiros africanos em uma performance ritual dançada.

Nas descrições dessas modalidades coreográficas revelam-se parte importante da construção da história do Brasil, onde sublinhamos que:

Nas tradições rituais afro-brasileiras, arlequinadas pelos diversos cruzamentos simbólicos constitutivos, o corpo é um corpo de adereços: movimentos, voz, coreografias, propriedades de linguagem, figurinos, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços grafam esse corpo/corpus, estilística e metonimicamente, como lócus e ambiente do saber e da memória. Os sujeitos de suas formas artísticas que daí emergem são tecidos de memória, escrevem história. (MARTINS, 2003, p.82.).

Fazendo uma reflexão, com base na vivência que tive com a dança do casal de Mestre Sala e Porta Bandeira, nas pesquisas e trabalho de campo, pude perceber a dimensão espiritual afro-religiosa deste casal, engrenada na maior festa brasileira, de uma maneira mais forte e explícita.

A importância da Bandeira dentro de uma Escola, o momento da reverência, o respeito ao casal e as tradições carregadas há séculos, foram temas que trouxeram ainda mais prazer a minha pesquisa. Cada vez que conhecia, ainda mais, a história desse casal, mais eu me encantava com as peculiaridades e processos criativos e curiosos na dança do casal.

Concluo esse artigo com a certeza de que fiz uma excelente escolha de tema, que me surpreendeu com surpresas além das minhas expectativas, e de que a dança do casal de Mestre Sala e Porta Bandeira ainda possui grandes aberturas para pesquisas e estudos além do que podemos imaginar.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Aracy A. *Projeto construtivo brasileiro na arte: 1950-1962*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna; São Paulo, 1977.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Griphus, 2000.

ARAUJO, Patricia. *Folganças Populares*. Belo Horizonte: 2000

GARAUNDY, R. *Dançar a Vida*. Trad. Antônio Guimarães Filho e Glória Mariani. 6. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SODRÉ, Muniz. *Samba o Dono do Corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.